



Estilo, mimese e crítica literária na formação do orador: uma análise a partir do manual *Sobre o estilo* de Demétrio

Style, Mimesis and Literary Criticism in Rhetorical Education: An Approach Based on On Style by Demetrius

Gustavo Araújo de Freitas

Pesquisador independente

Brasília, DF / Brasil

garafreitas@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5215-5053>

Resumo: *Sobre o estilo* (Περὶ ἐρμηνείας, ca. séc. I a.C.) é um manual de retórica que analisa os mais diversos recursos estilísticos empregados na composição de um discurso. Para tanto, ele se serve de trechos curtos e paradigmáticos dos mais variados autores da tradição literária grega. Logo, esses autores estão sujeitos a uma crítica literária que nasce da própria avaliação da forma em relação ao conteúdo. Mas ainda é necessário entender melhor como, nesse manual, o estudo do estilo se relaciona com a crítica literária e a mimese diante do quadro da instrução retórica. E, para tanto, remeto ainda, oportunamente, a outro manual de estilística: o *Sobre as categorias estilísticas do discurso* (Περὶ ἰδεῶν λόγου) de Hermógenes (final do séc. II ou início do III d.C.). Apesar de suas nítidas diferenças, as duas obras têm em comum a abordagem do “estilo” no âmbito das tarefas do orador, propondo diretrizes e modelos para que esse seja capaz de identificar por si só o que, como e onde “imitar”.

Palavras-chave: Demétrio; *Sobre o estilo*; retórica; crítica literária; mimese.

Abstract: *On Style* (Περὶ ἐρμηνείας, 1st century BC) is a rhetorical handbook that analyzes the various stylistic features used in the composition of a speech. Therefore, it takes short and paradigmatic passages of various authors of the Greek literary tradition. The literary criticism comes from the evaluation of the form in relation to the content. But it is important to understand how, in this handbook, style is related to literary criticism and mimesis in the context of rhetorical education. And, for that purpose, I still refer to another rhetorical handbook: *On Types of Style* (Περὶ ἰδεῶν

λόγου) by Hermogenes (end of the 2nd century or beginning of III AD). Despite its sharp differences, these works have in common the approach of “style” within the tasks of the orator, proposing guidelines and models so that he can be able to identify by himself what, how and where “to imitate”.

Keywords: Demetrius; *On style*; Rhetoric; Literary Criticism; Mimesis.

O tratado Περὶ ἑρμηνείας (“Sobre o estilo”, *PH*)¹ é um manual de retórica do final do período helenístico, que, como o título já indica, analisa a questão do estilo (em grego, λέξις, φράσις, ἑρμηνεία; em latim, *dictio* ou *elocutio*). Tendo em vista a construção do discurso, o foco mais específico são seus componentes elementares, isto é, as palavras e as unidades sintáticas mais básicas: os chamados κῶλα (“membros”), κόμματα (*comas*) e περίοδοι (“períodos”).²

Esses componentes são avaliados a partir dos recursos estilísticos empregados em relação com o assunto proposto, tomando por base uma teoria de tipos de estilo.³ E os exemplos que pautam essa análise são

¹ Utilizarei, nesse artigo, a abreviação “*PH*” da forma transliterada do título *Peri hermēnéias*.

² Κῶλα (“membros”) são unidades do discurso em prosa, análogos aos versos na poesia; eles “impõem pausas tanto para o enunciador quanto para o próprio enunciado, e determinam os muitos termos do discurso” (“ἀναπαύοντα τὸν λέγοντα τε καὶ λεγόμενα αὐτὰ καὶ ἐν πολλοῖς ὄροις ὀρίζοντα τὸν λόγον”) (*PH*, §1). Eles “visam concluir um pensamento” (“βούλεται διάνοιαν ἀπαρτίζειν”) ou “toda uma parte dele” (“μέρος δὲ ὅλης ὅλον”) (*PH*, §2). Segundo Lausberg (1975, § 453-455), o κῶλον (*membrum*) é uma sequência constituída de três ou mais palavras, e os exemplos de “membros” no *PH* o comprovam. O κῶμμα (*coma*) é “algo menor do que um membro” (“τὸ κώλου ἔλλατον”) (*PH*, § 9); Lausberg (1975, § 456) o define como uma composição formada por três ou menos palavras, sintaticamente independente, ainda que dependente, em termos fonéticos e oracionais, do membro. Por fim, “o período é um sistema de membros e *comas* ajustado ao pensamento subjacente, com um contorno bem definido” (“ἔστι γὰρ ἡ περίοδος σύστημα ἐκ κῶλων ἢ κομμάτων εὐκαταστρόφως πρὸς τὴν διάνοιαν τὴν ὑποκειμένην ἀπηρτισμένον”) (*PH*, § 10). Temos aqui uma síntese dos critérios utilizados por Demétrio na definição do período: a composição a partir dos membros e *comas*; διάνοια (“pensamento”, “assunto”); e, por fim, a ‘circularidade’, expressa no advérbio εὐκαταστρόφως (“com um contorno bem definido”).

³ Os tipos elementares apresentados são: o μεγαλοπρεπής (“grandioso”), o γλαφυρός (“refinado”), o ἰσχνός (“simples”) e o δεινός (“veemente”); cf. *PH*, §36-37.

trechos curtos e paradigmáticos dos mais diversos autores da tradição literária grega, com um destaque significativo para Homero.⁴

Diante, então, desses autores, o *PH* revela uma postura crítica, o que não significa que ele seja propriamente uma obra de crítica literária. Afinal, esse manual se insere na tradição retórica, propondo um estudo do estilo no quadro das tarefas do orador, sucedendo, então, ao estudo da εὑρεσις, *inuentio* (“invenção”) e da τάξις, *dispositio* (“plano”), o que logo justifica seu título.⁵ Nesse tipo de análise, a crítica literária nasce da própria reflexão sobre forma e conteúdo, sendo que, no caso do *PH*, ela se orienta ainda por uma teoria retórica dos *genera dicendi* (“tipos de estilo”).

Dessa perspectiva, como bem salientou Chiron (2001, p. 124, n. 238), a crítica literária deve ser entendida no seu sentido antigo, ou seja, em relação com a teoria da μίμησις (“imitação”), e não, como na mais corrente das acepções modernas, como o estudo das condições individuais da criação ou da especificidade de um universo imaginário. Como Pernot (2000, p. 89) destaca,

o ato da escrita não é apreciado como a expressão de uma idiosincrasia, mas referido a normas e modelos. Mesmo quando se busca a personalidade de um autor através de seu estilo, essa personalidade é julgada à luz de valores que estão além do indivíduo. Assim, se dá lugar para uma abordagem racional e normativa, que foi a abordagem dominante ao longo de toda a Antiguidade.⁶

⁴ Entre os autores bastante mencionados, ainda que com uma frequência menor do que Homero, destaco: Tucídides, Xenofonte, Platão, Safo, Isócrates, Demóstenes.

⁵ O campo semântico de ἐπιμηνεία poderia a princípio admitir uma tradução mais genérica para o título do *PH*, por exemplo, por *Sobre a expressão*. No entanto, isso subtrai desse manual a sua especificidade no quadro das tarefas do orador.

⁶ « L'acte d'écrire n'est pas apprécié comme l'expression d'une idiosyncrasie, mais référé à des normes et des modèles. Même si l'on cherche la personnalité d'un auteur à travers son style, cette personnalité est jugée à l'aune de valeurs qui dépassent l'individu. Ainsi se mit en place une approche rationnelle et normative qui fut l'approche dominante tout au long de l'Antiquité. » As traduções das passagens citadas ao longo desse artigo são de minha autoria.

Nesse sentido, a crítica literária se presta ao estudo do estilo como um passo para a composição do discurso. No entanto, em razão do número e da extensão das reflexões críticas não ligadas propriamente ao discurso de oradores, muitos comentadores do *PH* hesitaram em classificá-lo como um manual de retórica.

Innes (2005, p. 311-312) se refere ao *PH* como uma obra de teoria literária, apoiando-se no interesse pessoal de Demétrio por tópicos menos usuais, como as cartas, a música e o teatro, e por autores menos comuns, como Sófron, Ctésias e Demades, chegando a afirmar que “em contraste com muitas de nossas fontes, particularmente em latim, não há no *PH* uma propensão para a oratória”.⁷

Grube (1961, p. 22) salienta que os interesses literários de Demétrio vão além da retórica no sentido estrito. E, apesar de manter o manual alinhado com a tradição retórica, lembra que os oradores são frequentemente mencionados no *PH*, mas apenas como um tipo de literatura dentre vários, e conclui que “nós temos aqui um exemplo de crítica literária de um homem cultivado [...], um homem treinado em retórica, mas não apenas um retor”.⁸ E, em outro momento, chega a afirmar que Demétrio assume um ponto de vista sempre pessoal e “seu interesse é pela literatura, e não por processos, casos ou argumentos judiciais, e seu livro é teoria e crítica literária propriamente dita” (GRUBE, 1995, p. 119).⁹

⁷ “In contrast to many of our other sources, particularly in Latin, there is no bias towards oratory”. Innes (2005, p. 311) apresenta o *PH* como um tratado de “teoria literária”, listando-o ao lado da *Poética* de Aristóteles e do *Tratado do sublime* de Pseudo Longino: “In contrast to the more stimulating but idiosyncratic Aristotle’s *Poetics* and Longinus’ *On the Sublime*, it is not likely to be highly innovative, but that in itself make *On Style* a particularly useful guide to our understanding of the strengths and weaknesses of classical literary criticism.”

⁸ “We have here an example of literary criticism from a cultured man [...], a man rhetorically trained, but not a mere rhetorician.”

⁹ “His interest is in literature, not in courtroom procedures, cases or arguments, and his book is literary theory and criticism properly so called.” Segundo Grube (1995, p. 119), Demétrio assume um ponto de vista sempre pessoal, mesmo diante de tantas citações também encontradas em outras obras: “He is certainly no mere copyist or excerptor from other (unknown) sources [...]. He shows considerable independence of mind,

Kennedy (1974, p. 131) também destacou o interesse literário de Demétrio, que extrapola os limites da retórica. Apesar de o fundamento da obra ser a teoria do estilo, ensinada nas escolas de retórica, “em algumas passagens o autor visa a toda a literatura (e.g. 37 e 132). Ele está claramente tão interessado na escrita filosófica e historiográfica, quanto na oratória, e concede uma seção famosa ao estilo de escrita de cartas”.¹⁰

Classen (1995, p. 526) também concebe o *PH* como um tratado de retórica e uma obra de crítica literária. Segundo ele, os exemplos oferecidos por Demétrio não são meramente ilustrativos da instrução retórica. Expressões e figuras de estilo ou de pensamento são julgadas enquanto uma opção bem ou mal-empregada, ou são descritas como tendo uma função especial. Muitas vezes, Demétrio altera um elemento do trecho citado e/ou a ordem sintática para demonstrar sua opinião sobre uma passagem em questão.

Chiron (2001, p. 134) também hesita entre uma função retórica, mais ligada à prescrição, e uma postura crítica, mais voltada à reflexão. O comentador considera que, embora a preocupação mais pragmática com a construção do discurso seja predominante sobre a reflexão crítica no projeto explícito de Demétrio, a crítica sobre os mais variados gêneros literários e modos de expressão fazem do *PH*, além de um tratado de retórica, um tratado geral sobre a expressão. Sendo assim, “ele é um tratado que abarca a retórica e a literatura, um tratado que possui uma

and even his weakness are personal, not of the kind which one repeats at second hand. That he often uses illustrations also found elsewhere (whether in Aristotle or in later authors) is no argument to the contrary, for every critic does this down the centuries even Longinus. If a perfect illustration has been found, why look for another probably less perfect?”

¹⁰ “In some passages the author views all literature (e.g. 37 and 132). He is clearly as interested in philosophical and historical writing as in oratory and devotes a famous section to the style of letter-writing.” As duas passagens levantadas por Kennedy (*PH*, §§ 37; 132) exemplificam um procedimento comum no *PH* de submeter exemplos literários à teoria retórica dos tipos de estilo. Quanto ao *excursus* da epistolografia, proponho uma discussão mais ampla em Freitas (2016, p. 121-147), onde busco elucidar a inserção da epistolografia na tradição retórica, desconstruindo a ideia de que essa seção constitui um argumento forte para se considerar o *PH* uma obra de teoria ou crítica literária, em detrimento de seu caráter retórico.

dimensão prática (auxílio à escrita) e uma dimensão crítica (auxílio à apreciação, classificação e imitação)” (CHIRON, 2001, p. 124).¹¹

E, de fato, a crítica literária e a teoria retórica se sobrepõem a tal ponto que é inócuo orientar a discussão sobre a presença da crítica literária no *PH* a partir de uma oposição com os elementos mais especificamente retóricos da obra. Classen, inclusive, põe em xeque a existência de limite entre elas:

Retórica ou crítica literária? Não há necessidade de uma resposta. A questão aqui é determinar a origem e a função de tal tratado. Obviamente, seu alvo é auxiliar as pessoas que se esforçam para aprimorar o estilo na escrita, talvez mesmo para compor obras literárias satisfatórias; seu ponto de partida é a convicção do autor de que tal objetivo não pode ser atingido pelo estudo de classificações e preceitos (apenas), mas, mais do que isso, pela leitura, análise, avaliação e apreciação da literatura. Alguém poderia, ao certo, dizer que a crítica literária foi colocada aqui à serviço da retórica. Eu prefiro dizer, neste caso, que nós estamos diante de um dos poucos momentos em que a instrução retórica liberta-se de suas amarras, indo além dos limites estreitos das áridas definições e regras, extraindo das fontes ricas de obras literárias existentes, para instaurar vida nas numerosas categorias que os manuais tradicionais diferenciaram. Por que um ‘dos poucos momentos’? Um tratado como esse requer mais do que apenas uma boa dose de leitura; seu autor deve ter um dom muito especial para a apreciação literária e um gosto altamente desenvolvido. (CLASSEN, 1995, p. 527).¹²

¹¹ « C’est un traité qui embrasse la rhétorique et la littérature, c’est un traité qui possède une dimension « pratique » (aide à l’écriture) et une dimension critique (aide à l’appréciation, au classement et à l’imitation). » Sobre a discussão em torno dos aspectos retóricos levantados pelo comentador, cf. Chiron (2001, p. 124-136).

¹² “Rhetoric or criticism? There is no need for an answer. What matters here is to determine the origin and function of such a treatise. Obviously, its aim is to assist

Como o estudo da estilística pressupõe um julgamento, isso torna indissociáveis crítica literária e teoria retórica. Por isso, Classen integra Demétrio a um conjunto de autores da Antiguidade greco-romana que praticaram uma crítica literária associada a aspectos retóricos e orientada pelo caráter educativo das obras.¹³ Contudo, a pretensão de situar o *PH* no seio de uma tradição, sob uma perspectiva mais ampla, faz com que

people in efforts to improve their style of writing, perhaps even to compose acceptable works of literature; its starting point is the author's conviction that such a goal cannot be achieved by the study of classification and precepts (alone), but rather by reading, analyzing, evaluating and appreciating literature. One might, of course, say that literary criticism has been made the servant of rhetoric here; I would rather argue that in this case we have one of the few instances where rhetorical instruction has freed itself from the fetters of and gone beyond the limits of arid definitions and rules and draws on the rich resources of actual literary works to install life into the numerous categories which the traditional handbooks differentiate. Why is it one of the few instances? Such a work requires more than just a good deal of reading; its author must have a very special gift for literary appreciation and a highly developed-taste."

¹³ O *PH* entraria em uma espécie de 'subgrupo' dentro de um grupo maior de autores que relacionaram a crítica literária com aspectos morais e/ou retóricos. Daqueles interessados exclusivamente no aspecto moral, Classen destaca Platão; entre os que combinaram esse mesmo aspecto com aspectos literários e/ou retóricos, Isócrates e Quintiliano; e, por fim, os autores que teriam se dedicado quase inteiramente a esses dois últimos aspectos, como Hermágoras, Cícero e Dionísio de Halicarnasso. A esses últimos, então, podemos associar a figura de Demétrio, com base na discussão que Classen (1995, p. 519) propõe na sequência. Ainda segundo o comentador (CLASSEN, 1995, p. 529), a crítica literária foi preservada muito mais nesses autores do que quando praticada no sentido mais estrito, ou seja, por críticos que examinaram e julgaram obras literárias enquanto obras da literatura em si, com o intuito de selecionar e preservar os escritos dos melhores autores do passado em seus respectivos gêneros literários. Os manuais de retórica atendem melhor à demanda de um público menos preocupado com o que é bom ou correto, do que com uma aplicação de ordem mais prática. Afinal, como Classen (1995, p. 534) volta a destacar mais à frente, com uma mistura de regras e exemplos, esses manuais promovem uma espécie de crítica literária aplicada, vista então como útil. E se as versões mais antigas desses manuais não sobreviveram, é porque elas foram substituídas por versões mais recentes, que chegaram a nós. A crítica literária sobreviveu, pois, em um contexto mais geral, filosófico, histórico, educacional, retórico ou mesmo cômico, mas quando se propôs a um melhor entendimento de peças literárias em particular, ela foi fadada ao fim. Quanto ao caráter educativo do *PH*, cf. Classen (1995, p. 518).

suas observações sejam ainda muito abrangentes, de modo que é oportuno aprofundar a discussão.¹⁴

Primeiramente, então, é preciso entender melhor como, no estudo da estilística, a crítica literária é um passo importante para a composição do discurso. E um bom ponto de partida é o princípio do tratado *Περὶ ἰδεῶν λόγου* (“Sobre as categorias estilísticas do discurso”) de Hermógenes, o retor (ca. séc. II d. C.), um autor não mencionado por Classen.

Segundo Hermógenes (I, 1, 3 Patillon = 214 Rabe), a elaboração de discursos pressupõe τὰ τῶν ἄλλων εἰδέναι κρίνειν (“saber julgar as obras dos outros”) a partir do conhecimento das ἰδέας τοῦ λόγου (“categorias estilísticas do discurso”), e levar em conta a μίμησις (“imitação”) dos antigos por meio da τέχνη (“conhecimento técnico”).¹⁵

Pela ordem natural das tarefas do orador, o *Sobre as categorias do discurso* viria na sequência das lições sobre a invenção e o plano, que, no *corpus* de Hermógenes, corresponderia aos tratados *Περὶ τῶν στάσεων* (“Sobre os estados de causa”) e *Περὶ εὐρέσεως* (“Sobre a invenção”), esse último perdido para nós.

Os “estados de causa”,¹⁶ por sua vez, viriam imediatamente após os chamados προγυμνάσματα (“exercícios preliminares”), consistindo em análises que visam essencialmente, como Patillon (1988, p. 47-48) bem destacou, à colocação de ideias no plano discursivo e à formulação sucinta da matéria de cada ponto. Em outras palavras, esse estudo de Hermógenes aborda fundamentalmente a “invenção”, avançando ainda sobre o “plano” (PATILLON, 1988, p. 18).

¹⁴ Schenkeveld (2000, p. 47) também aponta a imprecisão de Classen.

¹⁵ O termo τέχνη (latim, *ars*) deve ser entendido aqui com o mesmo sentido que Clark (1959, p. 5) atribui a ele, no contexto da retórica, como um conjunto de regras, princípios ou preceitos retóricos sistematicamente dispostos, que o aluno aprenderia em um manual ou nas lições do professor.

¹⁶ O tratado *Sobre os estados de causa* visa, ao certo, as declamações, o que não é exatamente o caso do *PH*, conforme comento mais à frente. De qualquer modo, o mesmo raciocínio de que o estudo do estilo pressupõe um conhecimento prévio das ideias e do modo de organizá-las é válido para o *PH*.

Mas, como Hermógenes vê ainda a necessidade de um estudo mais especializado sobre a invenção, ele dedica a ela um tratado à parte. E como o *Sobre os estados de causa* é muito específico da *controuersia* do gênero judiciário, pode-se especular que seu tratado sobre a invenção abarcaria também os demais gêneros retóricos.¹⁷

Seja como for, o que interessa aqui é que há uma proposta inicial com o objetivo de traçar apenas os primeiros esboços das ideias e de sua disposição no plano discursivo, de modo que, ao comentar sobre a ἀντίληψις (“antilepse”)¹⁸ no *Sobre os estados de causa*, Hermógenes afirma que “Aquele que tem todo o conhecimento teórico da retórica trataria esse ponto como convém; pois não é suficiente saber apenas dividir – que é o único assunto que esse livro anuncia –, mas também saber tratar”¹⁹ (V, 22.7-9 Patillon = 69 Rabe).

Depreende-se dessa passagem que, para que a composição atinja uma forma acabada, não basta “saber dividir”, isto é, dispor as ideias no discurso, é preciso um estudo complementar para “saber tratar”, o que é sem dúvida uma lição apropriada ao estudo de estilística.²⁰ Logo, no projeto

¹⁷ Patillon (1988, p. 47) observou bem que, embora um estudo sobre a invenção dê acesso a uma quantidade considerável de materiais utilizados na produção de todo tipo de discurso, a doutrina é orientada, especificamente, para a produção de um tipo de discurso. Pernot (1993, p. 675) lembra ainda como o gênero epidíctico não se acomoda bem na teoria dos “estados de causa”; discorro mais sobre essa questão em: Freitas (2016, p. 82-121).

¹⁸ O termo tem um sentido muito específico e um grau de complexidade difícil de traduzir ou apresentar em poucas linhas. De todo modo, Patillon (1988, p. 50) o resume como se referindo à defesa de alguém que nega a maldade de um feito cometido, e nos oferece um bom exemplo: « Un paysan déshérite son fils qui s’adonne à la philosophie. – Le fils : ‘S’adonner à la philosophie n’est pas coupable’ . »

¹⁹ “Μεταχειριεῖται δὲ αὐτὸ, ὡς προσήκει, ὁ καὶ τῆς ὅλης τέχνης τῆς ῥητορικῆς ἐπιστήμων· οὐ γὰρ ἰκανὸν τὸ διελεῖν μόνον εἰδέναι, ὅπερ καὶ μόνον τοῦτι τὸ βιβλίον ἐπαγγέλεται, ἀλλὰ καὶ τὸ εἰδέναι μεταχειρίζεσθαι.”

²⁰ Patillon (1988, p. 48) considera que, ao dizer sobre o “saber tratar”, Hermógenes pode estar se referindo, além do *Sobre as categorias estilísticas do discurso*, ao tratado *Sobre a invenção*. Ao certo, a “invenção” acaba sendo integrada, de algum modo, aos “estados de causa”, mas Hermógenes vê a necessidade de um estudo mais específico sobre a invenção. Talvez, como o tratado *Sobre os estados de causa* é especializado no discurso judiciário, Hermógenes veja a necessidade de um estudo sobre a invenção que

de Hermógenes, tomando de empréstimo a análise de Patillon (1988, p. 47), é o *Sobre as categorias estilísticas do discurso* que cumpre tal função.

Como no quadro da instrução retórica, o estudo do estilo sucede aquele da εὔρησις, *inuentio* (“invenção”) e da τάξις, *dispositio* (“plano”), compondo um quadro das tarefas do orador já esboçado por Aristóteles, no início do livro III da *Retórica*: “Há três coisas que devem ser praticadas referentes ao discurso: uma delas são as provas; em segundo lugar, o que se refere ao estilo; em terceiro lugar, como se devem ordenar as partes do discurso”²¹ (1403b, 6-9).

Ao lembrar da mesma passagem, Chiron (2001, p. 173-174) sintetizou bem sua relação com o quadro das tarefas do orador, posteriormente consolidado. O caso da busca de πίστεις (“provas”) equivale ao que mais tarde será chamado de εὔρησις (“invenção”). Somados a ela, então, temos o estudo da λέξις (“estilo”) e o da τάξις (“plano”), o qual Aristóteles designa pela fórmula: πῶς χρῆ τὰξαι τὰ μέρη τοῦ λόγου (“como se deve ordenar as partes do discurso”). Trata-se, assim, de um esboço inicial do quadro do orador, que será posteriormente completado com a ὑπόκρισις (“ação”) e a μνήμη (“memória”).²²

Cícero (*De inventione*, I, VII, 9) já apresenta uma divisão de cinco *officia*: *inuentio* (“invenção”), *dispositio* (“plano”), *elocutio* (“estilo”), *memoria* (“memória”) e *actio* (“ação”). E essa mesma lista orienta o *corpus* de Quintiliano, como bem destacou Pernot (2000, p. 211), sendo

abarque os demais gêneros retóricos. É difícil de afirmar isso de um tratado que se perdeu para nós, mas é razoável inferir que Hermógenes tenha proposto algum estudo sobre a invenção no plano do discurso epidíctico, já que o *Sobre as categorias estilísticas do discurso* prevê um conhecimento prévio desse estudo (cf. *infra*). Seja como for, uma vez que a expressão das ideias sob a forma do discurso requer o estudo do estilo, não há dúvida de que, quando Hermógenes se refere ao “saber tratar”, o estilo esteja inferido.

²¹ “Τρία ἐστὶν ἃ δεῖ πραγματευθῆναι περὶ τὸν λόγον, ἐν μὲν τίνων αἱ πίστεις ἔσονται, δεῦτερον δὲ περὶ τὴν λέξιν, τρίτον δὲ πῶς χρῆ τὰξαι τὰ μέρη τοῦ λόγου.”

²² Com relação à “ação” (ὑπόκρισις), termo emprestado do teatro e que está relacionado com a “atuação teatral” do orador, Chiron lembra que Aristóteles se apresenta como o primeiro a tratá-la (*Retórica*, 1403 b 22). Quanto à “memória” (μνήμη), isto é, os mecanismos utilizados para memorização, ela aparece pela primeira vez no *Ad herenium*, mas sendo uma teoria que remonta a Hermágoras, ou antes.

tradicional na sua época, mas, certamente, remontando já ao período helenístico.²³

A lógica, portanto, do quadro das tarefas do orador é de um estudo inicial do conteúdo, seguido de seu modo de execução, ou, em outros termos, do estudo do “fundo” precedendo o da “forma”. E, no caso do estudo do estilo, em especial, ele é uma espécie de intermediário, pois é uma avaliação da “forma” em relação ao “conteúdo”.²⁴ Por isso, no *Sobre as categorias estilísticas do discurso*, Hermógenes cede espaço para o ἔννοια (“pensamento”); como Pernot (2000, p. 220) lembra: “Hermógenes indica que o trabalho do estilo não pode ser compreendido independentemente dos assuntos tratados e que as qualidades estilísticas são operantes apenas em relação ao conteúdo do discurso”.²⁵

E, ainda que haja, em alguma medida, certa interpenetração entre a “invenção” e o “plano”,²⁶ o estudo do estilo se mantém como uma tarefa

²³ Como Pernot salientou, a *Instituição oratória* é o melhor panorama da retórica antiga, oferecendo um panorama da educação do orador: « Le livre I traite de l'éducation dispensée aux enfants au niveau primaire e secondaire, avant leur entrée dans la classe du rhéteur. Le livre II est consacré aux premiers rudiments, aux exercices préparatoires et au problème de la définition de rhétorique. Vient ensuite le corps de l'ouvrage, formé de deux ensembles : cinq livres (III-VII) sur les méthodes de trouver les idées (*inuentio* = « invention ») et de les ordonner (*dispositio* = « disposition », plan du discours), quatre livres (VIII-XI) sur la mise en forme (*elocutio* = « expression », style), la mémorisation (*memoria*) et la prononciation (*pronunciatio*). »

²⁴ Cf. Cícero (*De oratore*, III, 19): “Nam cum omnis ex re atque [ex] uerbis constet oratio, neque uerba sedem habere possunt, si rem subtraxeris, neque res lumen, si uerba semoueris” (“Como todo discurso seria composto do assunto e das palavras, nem as palavras podem ter apoio, se subtraíres o assunto, nem o assunto pode vir à luz, se removeres as palavras”).

²⁵ « Hermogène indique que le travail du style ne peut être compris indépendamment des sujets traités et que les qualités stylistiques ne sont opérantes que par référence au contenu du discours. »

²⁶ Cf. Pernot (2000, p. 212): « En principe ces deux opérations, consistant l'une à trouver les idées, l'autre à les ordonner, représentent deux phases distinctes de la création oratoire. Mais dès lors que l'on recense, sous forme de liste, les « lieux » (types d'arguments) auxquels l'orateur pourra recourir, l'ordre de la liste, conçu primitivement comme un ordre heuristique, tend à devenir aussi l'ordre d'exposition qui sera retenu pour le discours lui-même. »

que prevê o conhecimento prévio desses precedentes. E é nesse âmbito, também, que Hermógenes anuncia o *Sobre as categorias estilísticas do discurso* como uma etapa complementar ao estudo da “invenção” (II, 9, 39 Patillon = 378 Rabe).

É oportuno lembrar que os dois tratados de Hermógenes, o retor, que chegaram até nós foram o *Sobre os estados de causa* e *Sobre as categorias estilísticas do discurso*. Os outros três tratados adicionados ao *corpus* hermogeniano – um deles sobre os “exercícios preliminares” (προγυμνάσματα), um tratado *Sobre a invenção* (Περὶ εὐρέσεως) e um tratado *Sobre o método da habilidade* (Περὶ μεθόδου δεινότητος) – são atribuições já há muito questionadas. Mas, ainda que tenham sido adicionados ao *corpus*, eles nos dão uma ideia do projeto de Hermógenes.

Como observou Patillon (1988, p. 18-19), esse projeto não é concebido exatamente como aquele das cinco tarefas do orador. As duas últimas dessas tarefas, a ação e a memorização, são descartadas. Quanto ao “plano”, o tratado *Sobre os estados de causa* avançou progressivamente nesse domínio, de modo que o reduziu a pouca coisa. O projeto seria, então, constituído por um inventário de estratégias (*Sobre os estados de causa*), um inventário sobre a invenção (*Sobre a invenção*), um inventário dos estilos (*Sobre as categorias estilísticas*) e, por fim, uma teoria sobre a boa utilização dos elementos do discurso (*Método da habilidade*). Seja como for, chamo atenção para o fato de que se mantém a lógica do estudo do plano e da invenção precedendo o do estilo.

E, ao certo, ainda que Demétrio não insira o *PH* propriamente em um *corpus*, como Hermógenes, ou mesmo indique a sua inserção no quadro das tarefas do orador, seu manual desempenha uma função análoga, recebendo, não por acaso, o título de Περὶ ἐρμηνείας (“Sobre o estilo”).

O *PH* não tem, afinal, uma preocupação com a ordenação das ideias em um plano discursivo. Demétrio raramente tece considerações quanto ao que pode ser dito em determinadas circunstâncias, e, mesmo assim, sem relacionar com as partes do discurso. O “pensamento” ou “assunto” (διάνοια/πράγματα) é submetido à teoria dos tipos de estilo e sua presença se justifica pelo mesmo motivo que a ἔννοια no *Sobre as categorias estilísticas do discurso*; ou seja, o pensamento sendo indissociável da

“forma” assumida pelo discurso, ele se torna imprescindível em uma análise estilística. Além disso, como Chiron (2001, p. 174) observou oportunamente, as poucas considerações sobre o “plano” (cf. § 15) têm um caráter muito genérico, e, quanto às outras duas tarefas do orador, apenas eventualmente Demétrio faz alguma alusão à “ação” (ὕποκρσις), e não propõe nenhuma menção à “memória” (μνήμη).²⁷

Logo, não há dúvida de que o *PH* se insere no quadro das tarefas do orador, oferecendo um estudo sobre o estilo que pressupõe um conhecimento prévio sobre a invenção e o plano. Esse conhecimento prévio permite a Demétrio dedicar-se às unidades mais elementares do discurso,²⁸ com base em uma teoria dos tipos de estilo, dirigindo-se a um público já minimamente familiarizado com o modo de organização geral do discurso, e que busca, então, um aprimoramento do estilo para melhor expor suas ideias.²⁹

²⁷ As partes do discurso (μέρη τοῦ λόγου) – exórdio, narração, confirmação, peroração – aparecem em apenas dois momentos e de forma apenas alusiva: « Or on ne trouve guère que deux allusions (§32, 201) à ce type d’analyse, fondamentale pour les professionnels de l’éloquence. Les types n’y sont jamais explicitement reliés. Même le style simple, dont la spécialisation est la plus évidente, n’est pas rattaché à la narration, bien qu’il soit pourvu de qualités (clarté, vertu persuasive, évidence) proches des qualifications stylistiques traditionnelles de cette partie du discours » (CHIRON, 2001, p. 133). Quanto às alusões à “ação”, cf. *PH*, §§ 20, 193, 271. Já quanto a uma possível alusão à “memória” (§39), Chiron lembra que não há nenhuma relação com a técnica de memorização. Logo, a ausência de qualquer menção à “memória” no *PH* pode se dever ao fato de ela não ter ainda se integrado às tarefas do orador, ou, simplesmente, por não fazer parte do projeto de Demétrio, centrado no estudo do estilo (CHIRON, 2001, p. 174).

²⁸ Como observou Chiron (2001, p. 174), a limitação da estilística às palavras e às unidades mais básicas do discurso, isto é, os “membros”, *comas*, e períodos, pode ser explicada pela divisão geral da retórica entre “estilo” e “plano”. E Demétrio se mantém dentro desses limites. Apenas no primeiro século esse limite se expande: « Il faudra attendre le Ier siècle pour que la stylistique colonise l’espace séparant la « phrase » de la partie du discours et s’intéresse à la succession de « phrases » et aux effets que l’on peut tirer de leur contact. »

²⁹ Mesmo que as teorias do estilo da Antiguidade tenham demonstrado um interesse pela literatura em geral, elas conservaram o caráter normativo da retórica; cf. Russell (2001a, p. 129): “Stylistic theory was of course of general literary concern and deal with poets as well as with prose-writers; but it is important to remember that its origins

E, nesse ponto, volto oportunamente à questão levantada por Hermógenes, no início do *Sobre as categorias estilísticas do discurso*, quanto à importância da crítica literária para a construção do discurso. Como Russell (2001b, p. 141) observou, Hermógenes propõe aqui um método de avaliação racional para a prática da μίμησις. Pernot (2000, p. 220) também destacou esse aspecto do tratado de Hermógenes, que oferece uma espécie de grade que visa a abarcar todos os efeitos textuais possíveis: “Para ele, a análise de textos não é questão de intuição ou de sensibilidade, mas consiste em uma descrição e uma classificação quase científicas, utilizando as noções dispostas em um sistema”.³⁰

Logo, o processo de composição do discurso não deve seguir passivamente um modelo; pelo contrário, a μίμησις (“imitação”) dá-se a partir do conhecimento das ιδέας τοῦ λόγου (“categorias estilísticas do discurso”), que são, assim, as ferramentas para a análise avaliativa. Em outras palavras, o papel do retor não é puramente utilizar essas “ferramentas” para estabelecer modelos a serem imitados, mas disponibilizá-las a seu público para que ele, por si só, seja capaz também de extrair das obras as passagens que lhe servirão de modelo. Estamos, pois, longe de uma retórica meramente prescritiva.³¹

Outra base em que se fundam os dois manuais de estilística mencionados, e que não podemos nos esquecer, é a formação generalista de influência isocrática. Essa formação, que foi predominante na escola de retórica dos períodos helenístico e imperial, de certo modo acompanhou

were rhetorical, and its purposes primarily normative rather than descriptive. Its most elaborate achievements, such as the refined sophistries of Hermogenes, are manifestly part of the rhetorical teaching program of an archaizing age.”

³⁰ « Pour lui, l’analyse des textes n’est pas affaire d’intuition ou de sensibilité, mais consiste dans une description et un classement presque scientifiques, utilisant des notions agencées en un système. »

³¹ Em Freitas (2016, p. 53-82), exploro esse caráter da instrução retórica como uma marca do modelo isocrático, que esteve na base da constituição do sistema educacional nos períodos helenístico e imperial. Na ocasião, chamo atenção também para outro manual de estilística com função análoga ao *Sobre o estilo* e ao *Sobre as categorias estilísticas do discurso* no quadro das tarefas do orador: o Περὶ συνθέσεως ὀνομάτων (“Sobre o arranjo das palavras”) de Dionísio de Halicarnasso.

a própria prática retórica de seu tempo no âmbito das relações políticas, diplomáticas, econômicas e sociais.

Marrou (1981, p. 129) lembrou oportunamente o caso de *Evágoras*. Esse primeiro exemplo, conhecido de um elogio em prosa de personagem real – elogio ao rei de Chipre, pai do seu aluno e amigo Níocles –, terá uma implicação na educação dos períodos subsequentes. Nessa obra, Isócrates pratica na prosa um gênero outrora reservado aos poetas, e essa forma de elogio veio a se tornar um dos gêneros literários mais proeminentes no período helenístico, conseqüentemente, ocupando um lugar privilegiado no ensino.

Nunca é demais lembrar que, ao lado da classificação aristotélica clássica dos três gêneros de discurso na *Retórica*, Isócrates propôs uma divisão entre o πολιτικὸς λόγος (“discurso político”) e o discurso forense, em que o primeiro se sobrepõe ao segundo por atender ao interesse público, e não a causas particulares. O discurso público é, portanto, político e não mera ἐπίδειξις (“exibição”) diante de espectadores que irão julgar tão simplesmente o talento do orador.

E, certamente, a nova conjuntura dos períodos subsequentes fez com que, na prática, esse gênero de discurso exercesse uma importância cada vez maior. Logo, o êxito alcançado pelo discurso dito “epidíctico” por Aristóteles, no período helenístico está relacionado com o próprio papel exercido pela retórica sob o governo autocrático daquele momento, como Kennedy (1994, p. 81) bem observou.³²

E, ao certo, se retomarmos a definição aristotélica dos gêneros retóricos, o epidíctico se distancia da espontaneidade do estilo oral dos gêneros deliberativo e judiciário, seguindo na direção de um estilo mais elaborado propiciado pela escrita. Ainda é oportuno lembrar que a forma mais clássica do gênero epidíctico, o elogio em prosa, desempenhou um papel antes reservado à poesia, e manteve com ela um espírito de emulação, mesmo por muito tempo depois de seu surgimento.

³² Cf. Kennedy (1994, p. 81): “An orator might then have the task of announcing policy to the public or of arousing public opinion in favor of the ruler. This opened up opportunity for epideictic oratory.”

Além disso, desde a inserção do gênero epidíctico na classificação dos gêneros retóricos por Aristóteles, vê-se um alargamento da noção do gênero, a partir de seu principal atributo, implícito na própria nomenclatura que o designa: a ἐπίδειξις (“exibição”). Pernot (1993, p. 40-41) lembra como esse termo, juntamente com seus derivados, guardou até o período imperial o sentido amplo que teve desde o período clássico, e mesmo antes de Aristóteles, de modo a se aplicar a toda pessoa que buscava demonstrar seu talento simplesmente para satisfazer o público.

A ἐπίδειξις se estendeu, assim, a todo tipo de oratória ou obra literária, lida ou pronunciada, diante de um público mais ou menos amplo: além do elogio, conferência de médicos, opúsculos de Luciano, a invectiva de Aristides *Contra os profanadores*, *Imagens* de Filóstrato, declamações de sofistas, diálogos filosóficos, composições recitadas por alunos diante do professor. Hermógenes, no *Sobre as categorias do discurso*, chega a incluir no λόγος πανηγυρικός (“discurso panegírico”), com exceção dos discursos judiciário e deliberativo, todo o conjunto da literatura (PERNOT, 1993, p. 40-41).

Logo, a ascensão do gênero dito “epidíctico” por Aristóteles, a partir de Isócrates, somada à conjuntura favorável para o gênero no período helenístico, corrobora também com o grande número de referências literárias no *PH* – e mesmo, aos poetas –, embora, por si só, não seja suficiente para justificá-las. Notadamente com relação a Homero, por exemplo, sabemos que ele esteve sempre na base da educação grega e que serviu aos mais diversos propósitos dos retores. De qualquer forma, não há dúvida de que a relevância que o discurso epidíctico assume, somada à formação generalista nos moldes isocráticos, delineia um quadro favorável para que os discursos literários ganhem um espaço cada vez maior em manuais de retórica como o de Demétrio.

Isso explica porque Demétrio não prioriza a oratória deliberativa ou forense, senão em um único dos quatro capítulos referentes aos tipos de estilo, isto é, ao δεινός χαρακτήρ (“estilo veemente”). Demóstenes é o principal modelo apenas nesse capítulo, enquanto nos outros três os principais modelos são literários.

Afinal, a retórica lança sua rede sobre os mais diversos gêneros discursivos, pronunciados e escritos. Por isso, mesmo que haja uma reflexão crítica sobre passagens extraídas de diversas obras não ligadas propriamente à oratória, Schenkeveld (1964, p. 52) está certo ao sustentar que o *PH* seja um tratado de retórica.

Contudo, a especialização de um exercício escolar em particular, o das chamadas *μελέται*, *declamationes* (“declamações”), levou por vezes ao equívoco de se pensar que as lições do retor posteriores aos *προγομνάσματα* (“exercícios preliminares”) se restringiriam àqueles exercícios. Essa forma de se conceber a educação do retor provocou certo incômodo no próprio Schenkeveld, ao supor que o *PH* pudesse se integrar às lições do retor em um nível à frente de tais “exercícios preliminares”.

Em vista da relação professor-aluno na base da composição do *PH*,³³ Schenkeveld (1964, p. 35-38) procurou situá-lo de forma mais precisa no âmbito do sistema educacional. Em seu artigo com o sugestivo título *The Intended Public of Demetrius's On style: the Place of the Treatise in the Hellenistic Educational System*, ele propôs, como uma espécie de “público-alvo” do tratado, alunos em fase avançada da formação escolar. Esse público já seria detentor de um conhecimento mais consolidado sobre os discursos abordados, o que permitiria a Demétrio uma reflexão crítica mais aguda sobre eles. Assim, o *PH* faria parte das lições mais avançadas do retor, ou seja, das “declamações”.

O problema é que as “declamações” foram exercícios especializados nas chamadas *suasoria* e *controuersia*, que reproduziam situações de enunciação dos gêneros deliberativo e judiciário, respectivamente. Logo, em um suposto contexto que visa exclusivamente às *suasoria* e *controuersia*, os exemplos dos mais diversos autores da tradição literária podem ser utilizados, mas com ênfase no aprimoramento do discurso deliberativo e judiciário.

E o certo é que os conselhos de Demétrio mais direcionados a esses dois discursos se concentram, como vimos, em apenas um

³³ Schenkeveld (1964, p. 51) lembra ainda que o caráter didático é facilmente reconhecido na própria presença dos imperativos e de formas verbais similares.

dos quatro capítulos do *PH*, que tem Demóstenes como modelo.³⁴ E, mesmo nesse capítulo, a maior proximidade desse tipo de estilo com os gêneros deliberativo e judiciário não implica necessariamente que esse estilo não se preste aos gêneros literários, compreendido aqui também o historiográfico e o filosófico. É o que se nota nos exemplos de Homero, Xenofonte, Platão, da comédia e dos cínicos.³⁵

Além disso, no restante do *PH*, os exemplos não são meramente ilustrativos de procedimentos válidos para os discursos deliberativo e judiciário, o que comprova que Demétrio não visa necessariamente a esses dois discursos.³⁶ Não há, pois, qualquer preocupação quanto à aplicabilidade dos recursos estilísticos para a oratória forense e deliberativa. Além de os exemplos serem literários, boa parte dos procedimentos recomendados por Demétrio não são convenientes à δεινότης (“veemência”), imprescindível nos dois tipos de oratória em questão.

Assim, ao restringir as lições mais avançadas do retor às declamações, Schenkeveld se viu obrigado a instituir um corolário segundo o qual as declamações escolares incluiriam o discurso epidíctico no momento de composição do *PH*. Afinal, ele reconhece a importância

³⁴ Das vinte e duas citações de Demóstenes no *PH*, quinze delas aparecem no capítulo do estilo veemente, e as demais, mesmo quando presentes em outros capítulos, nunca associam o orador a algum dos outros três tipos de estilo. Talvez com uma única exceção: Demétrio admite o aspecto métrico em muitos lugares da obra de Demóstenes, e esse é um procedimento que confere χάρις (“graça”) ao discurso, sendo, portanto, um procedimento do estilo γλαφυρός (“refinado”) (181). Mas, fora essa situação excepcional, o orador está sempre ligado à veemência. Mesmo a passagem que ilustra um procedimento bem-vindo ao estilo grandioso (80) é repetida na ocasião do estilo veemente, em que o próprio Demétrio aponta para um ponto de intersecção entre os dois estilos.

³⁵ Sobre a δεινότης em Homero, cf. *PH*, 130, 255, 262; em Xenofonte, cf. *PH*, 131, 296; em Platão, cf. *PH*, 266, 288, 289, 297; na comédia e nos cínicos, cf. *PH*, 259-262.

³⁶ Cf. Chiron (2001, p. 133): « Au chapitre IV (262), Démétrio fait allusion assez directe à ses destinataires: [...] (Les orateurs aussi s'en servirent – sc. : du « tour » cynique). Ce passage montre que les exemples littéraires ou, ici, philosophiques, sont répertoriés pour servir à l'art oratoire. Mais on pourrait objecter que ce genre de remarque est très rare dans le traité. »

do gênero epidíctico para Demétrio e de sua proximidade com os demais gêneros literários mencionados no *PH*.

Entretanto, alguns fatores levam a crer que o *PH* não serve ao exercício das declamações. De fato, é possível que ele tenha feito parte das lições mais avançadas do retor, mas é preciso ampliar o horizonte dessas lições. Estamos lidando, afinal, com a formação retórica segundo o modelo isocrático. Nesse âmbito, o orador adquire um amplo domínio sobre temas e autores da tradição literária, desenvolvendo uma propensão especial para o discurso epidíctico.

Além disso, como a escola deve preparar os alunos para suas futuras atribuições, é natural que o retor incluísse em suas lições um número maior possível de discursos para atender à demanda de seus alunos. E a própria relevância do discurso epidíctico no período helenístico leva a crer que os professores de retórica da época não podem tê-lo negligenciado. Mais ainda, além dos discursos de elogio em prosa, incluindo aí os panegíricos, típicos do gênero epidíctico, outros discursos, como a própria epistolografia, podem ter entrado no programa.

De qualquer modo, a hipótese de Schenkeveld abre um caminho investigativo oportuno para quem se propõe a estudar o *PH*. A discussão sobre o público de Demétrio permite uma melhor contextualização da obra e ajuda a entender melhor como a crítica literária aliada à μίμησις (“imitação”) cumpre aqui sua função, tendo em vista o quadro das tarefas do orador.³⁷

E mesmo que o *PH* possa ter atendido também a um público mais “cultivado”, que já passou por todos os níveis escolares, sendo plenamente capaz de produzir seus discursos sem a intervenção de um professor – hipótese que discuto em outra oportunidade –,³⁸ enquanto manual de estilística inserido no quadro das tarefas do orador, a instrução retórica está na base da formação intelectual de seu público.

³⁷ Para uma análise mais detalhada sobre os limites da hipótese de Schenkeveld, cf. Freitas (2016, p. 82-121).

³⁸ Cf. Freitas (2016, p. 154-169).

Referências

Textos antigos

ARISTOTLE; LONGINUS; DEMETRIUS. *Poetics. Longinus: On the Sublime. Demetrius: On Style*. Translated by Stephen Halliwell, W. Hamilton Fyfe, Doreen C. Innes, W. Rhys Roberts. Revised by Donald A. Russell. Cambridge/London: Harvard University Press, 2005. (Loeb Classical Library 199).

DEMÉTRIO. *Sobre o estilo*. In: FREITAS, G. A. de. *Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a literatura grega (tradução e estudo introdutório do tratado)*. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DÉMÉTRIUS. *Du style*. Texte établi et traduit par Pierre Chiron, avec introduction et notes. Paris : Les Belles Lettres, 1993.

CICERO. *On invention. Best kind of orator. Topics*. Translated by H. M. Hubbell. Cambridge: Harvard University Press, 1949. (Loeb Classical Library 386).

CICÉRON. *De l'orateur*. Livre III. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Edmond Courbaud et Henri Bornecque. Paris : Les Belles Lettres, 1956.

HERMOGÈNE. *Corpus rhetoricum*. Texte établi et traduit par Michel Patillon. Paris : Les Belles Lettres, 2008; 2009; 2012; 2012; 2014. 5 v.

Textos modernos

CHIRON, P. *Un rhéteur méconnu: Démétrios (Ps.- Démétrios de Phalère)*. Essai sur les mutations de la théorie du style à l'époque hellénistique. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, 2001.

CLARK, D. L. *Rhetoric in Greco-Roman education*. 2. ed. New York: Columbia University Press, 1959.

CLASSEN, C. J. Rhetoric and literary criticism. Their nature and their functions in Antiquity. *Mnemosyne*, Leiden, v. XLVIII, p. 513-535, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1163/156852595X00275>.

FREITAS, G. A. de. Crítica literária de Homero no tratado *Sobre o estilo* de Demétrio. 2016. 345 f. Tese (Doutorado em Literaturas Clássicas e Medievais) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GRUBE, G. M. A. *A Greek Critic: Demetrius On Style*. Toronto. University of Toronto Press, 1961.

GRUBE, G. M. A. *The Greek and Roman Critics*. 7. ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 1995.

INNES, D. C. Introduction. In: ARISTOTLE; LONGINUS; DEMETRIUS. *Poetics. Longinus: On the Sublime. Demetrius: On Style*. Translated by Stephen Halliwell, W. Hamilton Fyfe, Doreen C. Innes, W. Rhys Roberts. Revised by Donald A. Russell. Cambridge/London: Harvard University Press, 2005. (Loeb Classical Library 199).

KENNEDY, G. A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEDY, G. *The art of persuasion in Greece*. 6 ed. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literaria*. Versión española de M. M. Casero. Madrid: Editorial Gredos, 1975.

MARROU, H.-I. *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité: Le Monde Grec*. 7. ed. Paris : Seuil, 1981. (Colletion Points-Histoire, 56). t. 1.

PATILLON, M. *La théorie du discours chez Hermongène le rhéteur*. Essai sur la structure de la rhétorique ancienne. Paris : Les Belles Lettres, 1988.

PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris : Librairie Générale Française, 2000.

PERNOT, L. *La rhétorique de l'éloge dans le monde greco-romain*. Paris : Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

RUSSELL, D. A. Figured speeches: "Dionysius," Art of Rhetoric VIII-IX. In: WOOTEN, Cecil W. (ed.) *The Orator in Ancient & Theory in Greece & Rome: Essays in Honour of George A. Kennedy*. Leiden; Boston/Koln: Brill, 2001a. p. 156-168. DOI: https://doi.org/10.1163/9789004350984_016.

RUSSELL, D. *Criticism in Antiquity*. 2. ed. Eastbourne: Paperbacks, 2001b. (Bristol Classical).

SCHENKEVELD, D. M. *Studies in Demetrius "On style"*. Amsterdam: A. Hakkert, 1964.

SCHENKEVELD, D. M. The intended public of Demetrius's *On style*: the place of the treatise in the hellenistic educacional system. *Rhetorica*, Leiden, v. XVIII, n. 1, p. 29-48, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1525/rh.2000.18.1.29>.

Recebido em: 28 de maio de 2020.

Aprovado em: 23 de junho de 2020.